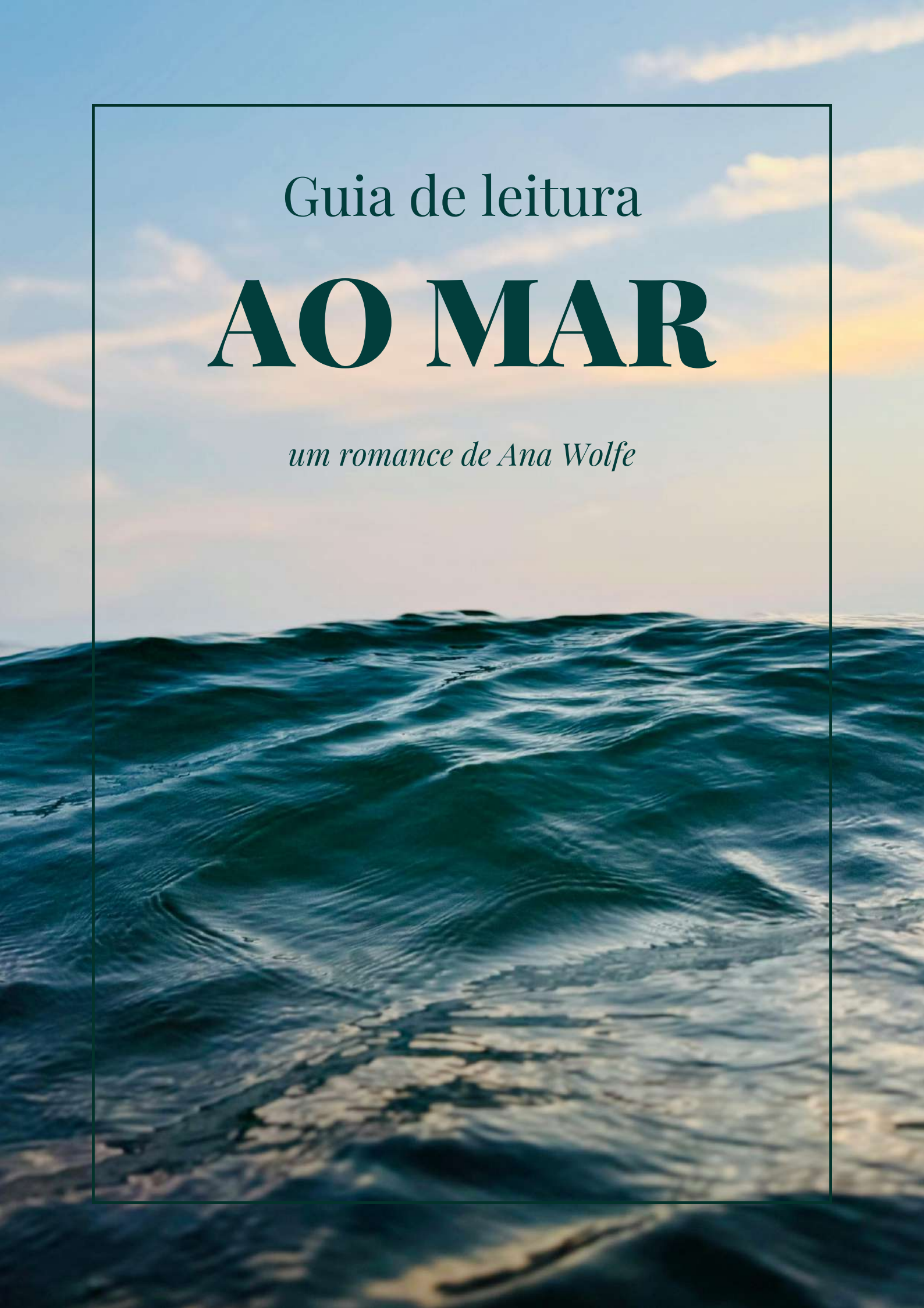




Guia de leitura

AO MAR

um romance de Ana Wolfe

Expediente

Idealização

Ana Wolfe

Coordenação técnica

Rafael Jó

Textos

Nathália Gomes
Ana Wolfe

Revisão textual

Nathália Gomes

Apoio técnico

Agir Ambiental

Projeto gráfico

Agir Ambiental

Maio de 2026

Todos os direitos reservados



Um mergulho no mundo

Em *Ao mar* a vida de Manoela muda drasticamente em uma fração de horas. Assim como acontece nos dias atuais, a sociedade em que ela vive, em 2030, escolheu fechar os olhos para as mudanças do clima apesar de todos os avisos e evidências. Com eventos extremos cada vez mais frequentes e em intensidades recordes não há como ignorar que essa também já é a nossa realidade.

Apesar de ser uma ficção, *Ao mar* é embasado em dados reais apresentados por diversos estudos e centros de pesquisa sérios, como o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas e o Instituto Nacional de Pesquisas Oceânicas, e no impacto que essas mudanças terão na cidade, nas pessoas e na dinâmica social.

Os locais que aparecem em *Ao mar* também são verídicos e fazem parte da história do Paraná. Piraquara, onde a maior parte da história se desenvolve, não foi escolhida à toa. A cidade é o berço das águas do estado, pois além de possuir um dos maiores potenciais hídricos do Paraná abriga também as nascentes do Rio Iguaçu que dá origem às famosas Cataratas, uma das 7 maravilhas naturais do mundo. Com 93% de seu território em áreas de proteção ambiental, a cidade é palco das idas e vindas na vida de Manoela e das escolhas que ela faz para se manter viva em um mundo em colapso.

Em meio a tudo que acontece em sua vida, ela tenta reencontrar a esperança, assim como todos aqueles que ainda lutam pelo planeta Terra. Nosso desejo é que você seja um deles!

Boa leitura

Sobre a autora



Ana Wolfe é paranaense, mas adotou Ribeirão Preto (SP) como casa. Formada em jornalismo, já atuou como repórter em jornais e revistas e, atualmente, é diretora no Instituto Agir Ambiental, ong que ajudou a fundar em 2016 e onde atua em projetos nas áreas de comunicação, sustentabilidade e tecnologia. Depois de mais de 20 anos de carreira, decidiu encarar novos desafios e passou a se aventurar pela ficção, em uma busca incessante pelo reencantamento com as palavras. Descobriu-se escritora em 2018, quando participou de uma antologia e, desde então, tem dividido o tempo entre as pautas e um mundo que, felizmente, ainda existe somente na sua cabeça. Também se dedica a espalhar o apreço pelos livros mediando o clube de leitura Leia Mulheres, em Sertãozinho (SP), e o Clube Gaia, em Ribeirão Preto (SP).

Ao mar e a humanidade depois do fim

*por Nathália Gomes **

Imaginar o fim do mundo é um pensamento que provavelmente atravessa a vida de todos nós em algum momento. Mas talvez o que poucos imaginem seja o próprio processo do colapso, afinal, é mais fácil pensar em um fim instantâneo, definitivo, em que tudo deixa de existir em fração de segundos. O que raramente consideramos é que esse fim pode não significar o desaparecimento do planeta, mas a transformação radical da vida como a conhecemos. A Terra continuará aqui, mas talvez nós não sejamos mais os mesmos.

E a tragédia que transformará para sempre essa existência já vem sendo anunciada a muito tempo. Ela ganha forma dia após dia, ano após ano, década após década. Como um balão que se enche lentamente até romper, o colapso não acontece de maneira isolada: ele acontece aos poucos, enquanto ignoramos os sinais ao redor. Mas depois que tudo se rompe, o que resta? Como se vive em um mundo completamente diferente daquilo que conhecíamos?

E é nessa linha que encontramos *Ao mar*. Na obra, Ana Wolfe traz dois movimentos que inevitavelmente se encontram em um contexto de mudança climática: as transformações no mundo

externo, ou seja, na forma como a sociedade se organiza, em suas hierarquias e dinâmicas sociais após uma grande tragédia e as mudanças no nosso mundo interno — como isso pode alterar profundamente aquilo que nos constitui enquanto pessoa.

Acompanhamos Manoela em um mundo já marcado pelo colapso. Sem um governo central, sem estabilidade e sem acesso às estruturas que antes organizavam a vida em sociedade. A emblemática protagonista é um retrato de como a luta não é apenas pela sobrevivência da matéria, mas também pela sobrevivência da nossa consciência moral, do nosso senso de empatia e do desejo humano de melhorar o mundo. Manoela encarna bem a dualidade em que vivemos: entre a apatia e o desejo de mudar, entre o estar só e o viver em coletivo, entre os pensamentos “não há nada que eu possa fazer” e o “talvez eu possa contribuir com algo”.

Manoela não precisa ser a personificação da moral, altruísta o tempo inteiro ou uma mocinha livre de contradições para que entendamos toda a torrente de sentimentos e conflitos que vive. Isso a traz para o centro da narrativa com uma humanidade muito palpável, justamente porque não é construída como heroína idealizada. Na verdade, ela está mais próxima da forma como muitos de nós nos comportaríamos em um contexto extremo: pensando na própria sobrevivência acima de tudo, silenciando



Criadora do perfil literário @leiturasdanath, onde compartilha resenhas e reflexões sobre suas leituras, e mediadora do Clube Gaia Aracaju

em determinadas situações por medo e, ainda assim, encontrando em algum momento aquela faísca de determinação e esperança capaz de nos impulsionar a continuar. E talvez seja justamente por tudo isso que ela funcione tão bem como protagonista.

E essa construção torna a premissa de *Ao mar* ainda mais verossímil. Ana Wolfe não suaviza o peso de uma sociedade que se desestruturou por completo diante da negligência climática. E isso é importante, porque o livro não tenta transformar a tragédia em mero pano de fundo: o leitor sente o peso de anos ignorando um planeta em crise até que ele finalmente transborda e desagua violentamente levando sonhos, lares, famílias, relações e modos inteiros de viver em suas correntes.

E o pós-mundo deixa marcas e se impõe com novas estruturas sociais, afinal o colapso também reorganiza o comportamento humano. O contexto distópico apresentado pela autora evidencia como novas estruturas sociais podem revelar tanto o pior quanto o melhor das pessoas. Em meio à escassez e necessidade de reinvenção surgem a cooperação, a resiliência, a empatia - mas também a violência, a apatia, a manutenção de privilégio e a subjugação dos mais vulneráveis. Mesmo diante e após o fim, certas desigualdades persistem.

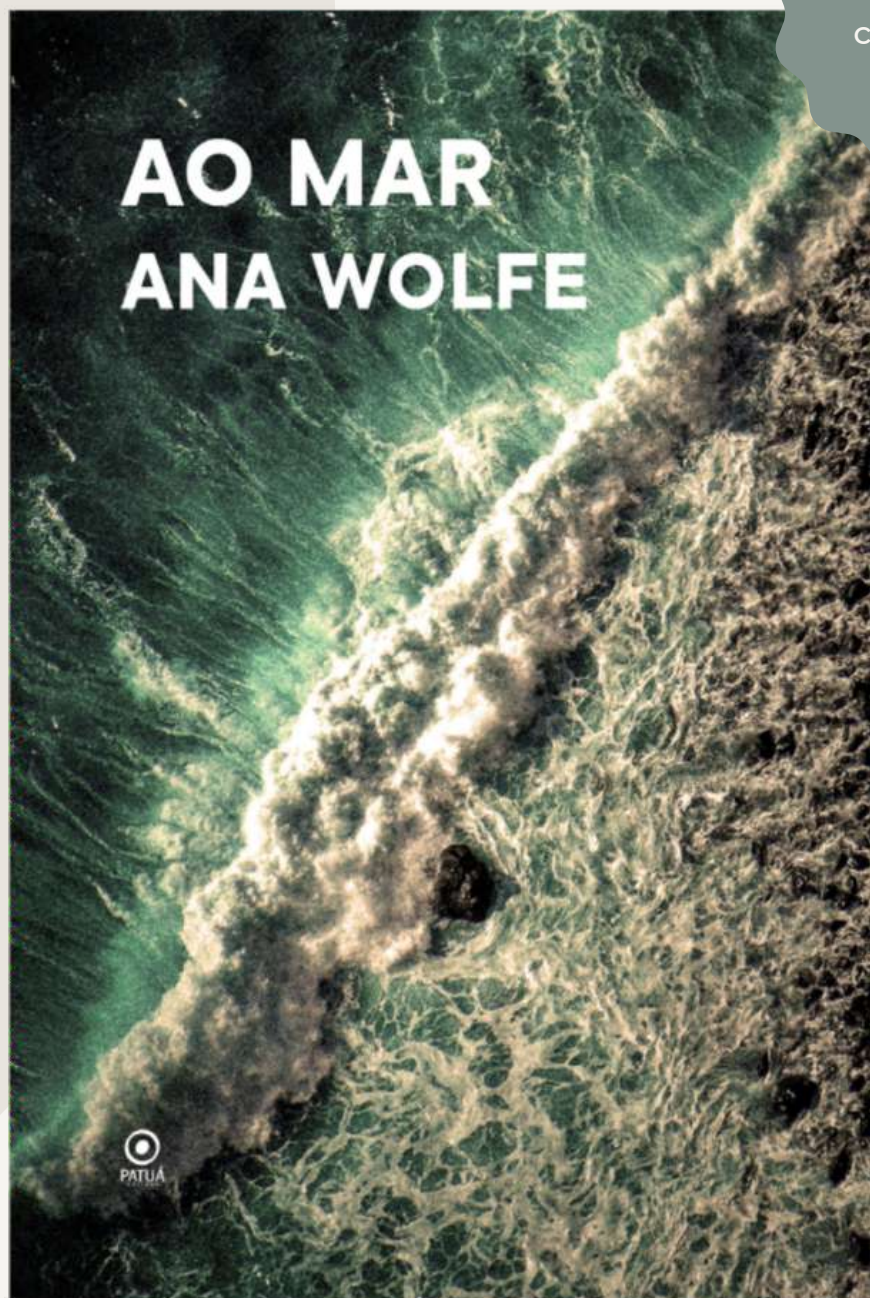
E aí está um dos pontos mais impactantes de *Ao mar*, que merece ser destacado quantas vezes forem necessárias: a percepção de que esta distopia não pertence totalmente ao campo da ficção. A obra nos instiga

porque ela invoca elementos do presente. Tudo já está aqui: as mudanças climáticas, os deslocamentos forçados, os desastres ambientais, as injustiças sociais. Não são hipóteses de uma autora que ousou vislumbrar um futuro caótico, mas de alguém que segue com o olhar atento em processos que já estão acontecendo no aqui e no agora.

Assim, *Ao mar* propõe uma crítica e uma reflexão sobre como já nos comportamos hoje com o nosso planeta e enquanto indivíduos, pois não é algo que ainda vai acontecer - já está em curso. A fluida e impactante escrita da Wolfe deixa isso evidente em cada página, confrontando e deixando pensativo mesmo após fecharmos o livro. Mas, se ainda houver dúvida, basta olhar com atenção para os recortes de jornais com notícias de desastres climáticos. Eles não são ficção.



uma ficção
climática



Garanta o seu exemplar em
www.editorapatua.com.br

A realidade do clima

O desafio imposto pelas mudanças climáticas, que extrapola a ficção e afeta todos os seres vivos da Terra

Ao longo da narrativa de *Ao mar* é possível observar diferentes eventos extremos acontecendo para além do aumento do nível do mar: chuva ácida, desertificação, furacões, ondas de calor intenso. São os efeitos das mudanças climáticas em um curso vertiginoso.

Apesar de ser uma ficção, essa realidade incômoda apresentada no livro já vem atingindo cada vez mais pessoas ao longo do mundo todo. Segundo o Observatório do Clima, estima-se que entre 3,3 bilhões e 3,6 bilhões de pessoas vivam em locais ou contextos altamente vulneráveis a essas transformações nos padrões de temperatura e clima, que são chamados de mudanças climáticas.

Essas mudanças podem ser naturais, impulsionadas por variações na radiação solar, ciclos orbitais da Terra e erupções vulcânicas. Mas, desde 1800, as atividades humanas têm sido o principal impulsionador das mudanças climáticas.

De acordo com [dados científicos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas \(IPCC\)](#), desde o início da Era Industrial, em 1760, o efeito estufa de origem antrópica, gerado por atividades humanas, é mais de 50 vezes maior que o solar. Ou seja, as atividades humanas estão acelerando em muito o aquecimento global, principalmente

devido à queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás.

Essa queima de combustíveis fósseis gera emissões de gases de efeito estufa como o dióxido de carbono e o metano, que agem como um grande cobertor em torno da Terra, retendo o calor do sol e aumentando as temperaturas. Há ainda outras ações que podem liberar esses gases de efeito estufa, como o desmatamento das florestas e os aterros para lixo não controlados. Um [relatório da Organização das Nações Unidas \(ONU\) divulgado no começo deste ano](#) mostrou que em 2024, último ano com dados consolidados, a concentração de dióxido de carbono teve o maior crescimento anual desde o início das medições modernas, em 1957.

Temperatura mais alta não significa somente calor extremo. A cada 0,5°C que o oceano aquece, a velocidade dos ventos nas tempestades aumenta de 16 a 20 km/hora, o que pode resultar em furacões ainda mais potentes.

Há ainda outras consequências que demonstram como o aumento da temperatura é apenas uma parte do problema. Assim como o corpo humano, a Terra é um organismo vivo onde tudo está conectado. Por isso, as consequências das mudanças climáticas, que afetam esse organismo, podem ser devastadoras para a vida na terra, como vemos em *Ao mar*.

Para saber mais

[Um guia ilustrado sobre a crise climática](#)

[O que são as mudanças climáticas?](#)

Quando o nível do mar sobe

Algumas informações para entender uma mudança global em curso

Apesar do cenário distópico, a ambientação de *Ao mar* se baseia em uma realidade que já está entre nós: o aumento do nível do mar. A cada ano os oceanos avançam um pouco mais, um fenômeno diretamente relacionado às mudanças climáticas, que não acontecem apenas por intermédio de ciclos naturais da Terra, mas vêm sendo intensificadas, principalmente, pela ação humana por meio das grandes concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera.

Com o aquecimento do planeta, a temperatura dos oceanos vai se elevando significativamente e contribui para o derretimento das geleiras. Essas grandes massas de gelo, encontradas em todos os continentes, mas principalmente nas regiões polares e cadeias montanhosas, são os maiores reservatórios naturais de água potável - aproximadamente 70% da água doce está armazenada nelas.

As geleiras possuem um ciclo natural: acumulam neve e gelo nos meses frios e liberam água doce nas estações quentes, o que contribui para o abastecimento da população. Estima-se que até 2 bilhões de pessoas no mundo dependam, direta ou indiretamente, da água proveniente desse degelo. Ainda assim, o derretimento desenfreado, fora do equilíbrio esperado, resulta em grandes volumes de água doce que escoam para os oceanos e aumentam



“

Havia água do mar dentro de casa. E não era a quantidade costumeira vinda depois das ressacas cada vez mais frequentes. Tinha tanta água que tudo ao redor boiava: a foto de casamento dos meus pais, com minha mãe sorrindo torto em seu vestido drapeado e meu pai de peito estufado, o saco de lixo que eu devia ter levado para fora e o relógio piscando 3:00.

Trecho de Ao mar, de Ana Wolfe, página 14

o nível do mar. Um processo que já provoca, atualmente, alagamentos e inundações em vários locais do planeta.

E tudo está caminhando para que esses episódios se tornem mais recorrentes e definitivos. Áreas mais vulneráveis sofrem com inundações cada vez mais frequentes e, em casos mais extremos, podem desaparecer. Ilhas de baixa altitude, cidades costeiras e regiões próximas ao nível do mar, estão entre as mais ameaçadas, como por exemplo as pequenas nações insulares nos oceanos Pacífico e Índico. O arquipélago de Tuvalu, na Oceania, é uma dessas nações que atualmente estão na corrida contra o tempo frente às mudanças climáticas: com o aumento do nível do mar, sua costa já está sendo engolida e a previsão é que, até 2050, grande parte do seu território ficará abaixo da maré alta, deixando o país inabitável. Entre algumas medidas que estão sendo tomadas, uma que tem se destacado é o backup digital de todo o país, uma iniciativa governamental a fim de preservar registros e memórias de seu território, povo, cultura e história diante de um futuro incerto.

E isso não é uma realidade tão distante ou que vai afetar apenas ilhas no meio dos oceanos. No Brasil, mesmo sem geleiras, os impactos do aumento do nível do mar já são sentidos e tendem a se intensificar. Embora o país não corra o risco de “sumir”, a priori, considerando sua extensão territorial, os impactos serão imensos, principalmente nas áreas costeiras. A geleira Thwaites, na Antártida Ocidental, conhecida como “Geleira do Juízo Final”, impactaria todo o mundo com seu derretimento, aumentando o nível do mar em até três metros e



alcançando a costa brasileira, apesar de distante do país. Cidades litorâneas de baixa altitude como Rio de Janeiro, Santos, Belém e Recife serão as mais afetadas, com alagamentos frequentes e erosão das praias, cujas extensões de areia vão começar a desaparecer. Isso se estenderá, progressivamente, por todo litoral e, com o tempo, essas mudanças não comprometerão apenas o território, mas também atividades econômicas e modos de vida, assim como vemos na narrativa de *Ao mar*.

A salinização da água também afetará o Brasil. À medida que o nível do mar sobe, a água salgada invade rios e lençóis freáticos, afetando o abastecimento de água doce. E ainda seguindo o impacto direto do degelo, as geleiras tropicais dos Andes, que abastecem rios da bacia amazônica, perderam 30% a 50% de sua cobertura de gelo nos últimos 40 anos. Essa soma de fatores ampliará riscos de escassez hídrica em diversas regiões do país, mesmo nas mais distantes da costa. Há ainda o risco de prejuízos para a geração de energia hidrelétrica, um cenário que também pode se estender a todo território nacional.

O Paraná, onde se passa a história do livro, também está suscetível às mudanças climáticas e ao aumento do nível do mar, ainda que de forma mais localizada. O estado possui uma faixa costeira relativamente pequena, mas sensível, com possíveis alagamentos em áreas mais baixas, como Paranaguá, Antonina e a Ilha do Mel. Além de inundações, há riscos de destruição de manguezais e demais ecossistemas litorâneos. Segundo estudos, a cronologia dos riscos estima que até 2030 a Ilha do Mel, famoso local



de turismo e pesca, sofrerá aumento perceptível com inundações. Até o final do século, áreas residenciais, portuárias e industriais poderão enfrentar episódios recorrentes de inundações.

As taxas de elevação do nível do mar estão acelerando a ritmos cada vez maiores. A cada ano que passamos sem nos responsabilizar e minimizar os danos como as emissões de gases de efeito estufa — que seguem em alta — o processo tende a se intensificar. Até 2100, as projeções indicam que o nível continue a subir de 30 centímetros a 1 metro. Pode parecer pouco, mas mesmo alguns centímetros já aumentam significativamente o risco de enchentes. Mais do que um cenário futuro, trata-se de uma realidade já em andamento, contínua e progressiva, que afeta o presente e moldará o mundo das próximas gerações.

A literatura pode ajudar o meio ambiente?

por Ana Wolfe

"Com a falta de água, aparelhos recolhem os mijos saudáveis numa caixa central, onde se procede à reciclagem. Há mistura, tratamento químico intenso, filtragem, purificação, refinamento, transformação. A urina retorna branca, pura, sem cheiro, esterilizada. Dizem que dá para beber".

Esta poderia ser uma frase real, sobre uma nova tecnologia que transforma urina em água. Aliás, este tipo de máquina até já existe. No entanto, ela foi extraída de um livro de ficção. Escrito por Ignácio de Loyola Brandão, *Não verás* país nenhum mostra um Brasil devastado pelo desmatamento, pela seca extrema e por um regime opressor.

O livro foi lançado apenas dois anos depois do termo "mudanças climáticas" ter sido usado pela primeira vez em um estudo da Nasa, o que demonstra como a ação humana sobre o meio ambiente já ocupava o imaginário dos escritores há um bom tempo.

Hoje, a ficção que trata das mudanças climáticas e suas implicações tem até um termo próprio. Chama-se ficção climática, ou cli-fi para os íntimos. Considerada um subgênero da ficção científica, a ficção climática não retrata apenas um cenário distópico, dramatizando as catástrofes, mas se baseia em acontecimentos reais e imediatos para mostrar as injustiças ambientais e as desigualdades provocadas por estes cenários.

Sem dúvidas, estas obras não carregam um rigor científico ou o caráter

jornalístico, muito menos têm função educativa. Mas podem ajudar os leitores a olharem para a realidade que os cerca, descortinando um cenário que eles sequer tinham imaginado. Além disso, a literatura pode, sem dúvidas, despertar o senso crítico, a curiosidade, a reflexão. Como escreveu Washington Novaes, jornalista especializado em meio ambiente, no prefácio de *Não verás*, "Há quem diga que os artistas são uma espécie de antena da raça. E são mesmo - por sua capacidade de antever, enxergar muito antes que os simples mortais, graças a sua sensibilidade aguda. E a um dom que os faz ser ouvidos".

Quem sabe com mais este elemento em mãos o ser humano não é capaz de frear a própria ação destrutiva e tornar a ficção climática uma realidade que existe apenas na mente dos escritores?





Como parar o relógio do clima

A contagem regressiva das mudanças climáticas e algumas ações para desacelerá-la

Você provavelmente já se deparou em noticiários, palestras ou conteúdos sobre sustentabilidade, com o termo “relógio do clima”. Mais do que uma expressão associada à temperatura, o relógio do clima é uma iniciativa criada por cientistas, ativistas, artistas e demais personalidades engajadas com o futuro do planeta.

O objetivo dessa ferramenta científica é traduzir a urgência da crise climática em algo visível e compreensível. Ele exhibe o tempo restante para limitar o aquecimento global e chama atenção para ações que evitem ou retardem impactos devastadores.

A ideia central do relógio do clima, baseada no conceito de “orçamento” de carbono, mostra que há uma quantidade máxima de CO₂ que ainda podemos emitir para manter o aquecimento global em até 1,5°C. Em termos simples: há uma contagem regressiva, pois estamos gastando esse orçamento rapidamente.

Atualmente, com base nas projeções de 2025 e 2026, resta menos de 6 anos para

que ultrapassemos esse limite crítico.

Então, se o tempo acabar, o planeta também “acaba”? Não necessariamente.

O que se projeta é um cenário de agravamento, com eventos climáticos ainda mais intensos, o nível do mar subindo mais rápido e ecossistemas sob colapso. Assim, haveria um agravamento das crises sociais, principalmente no que se refere à água, à alimentação e à moradia. Ou seja, o mundo continua, mas muito mais instável e desigual.

Diante disso, surge a pergunta: “Então como desacelerar ou até mesmo parar esse relógio?”

Não podemos dizer que a resposta é simples, pois envolve mobilização e articulação de vários setores da sociedade, em níveis individuais e coletivos. Mas são movimentos possíveis, que estão ao nosso alcance quando pensamos em reduzir drasticamente as emissões de carbono para que o “tempo restante” pare de cair tão rápido.

Essas ações podem ser elencadas em três níveis, apresentados a seguir

Ações individuais

Atitudes pessoais e mudanças de comportamento que podem ajudar a parar o relógio do clima

Eficiência energética

Sabe aqueles selinhos do Procel na etiqueta Inmetro quando você vai comprar uma geladeira ou televisão? Eles estão lá para indicar os eletrodomésticos e equipamentos mais eficientes em termos de consumo de energia. Dar preferência aos que possuem classificação A, pois isso identifica que o produto tem alto desempenho funcionando de forma mais econômica. Outras medidas incluem substituir lâmpadas incandescentes por LED e evitar o modo standby, responsável pelo chamado “consumo fantasma”. A conta de luz agradece e o meio ambiente também.

Engajamento político e social

Disseminar informações corretas sobre o clima, apoiar e cobrar posicionamentos de lideranças políticas sobre as pautas relacionadas às mudanças climáticas e meio ambiente são formas de ampliar o impacto das ações individuais.

Consumo consciente

Este é um grande ponto de partida. Reduzir o consumo de carne, já que a agropecuária é uma das grandes emissoras de gases e comprar apenas o alimento necessário a fim de evitar o desperdício, diminuem a quantidade de resíduos que vão aos aterros e liberam metano. Outro ponto vital é assumir um consumo mais sustentável, evitando, sempre que possível, o uso de plásticos que brevemente serão descartáveis, dando preferência a itens reutilizáveis ou biodegradáveis.

Mobilidade sustentável

Sempre que possível, optar pelo transporte público, bicicletas, caminhadas e caronas solidárias ajuda a reduzir a emissão dos gases de efeito estufa, além de combater o congestionamento e melhorar a qualidade de vida urbana.

Gestão de resíduos

Separar corretamente o material reciclável, descartar resíduos mais sensíveis e tóxicos (como medicações e eletrônicos) nos pontos adequados e adotar a compostagem são formas de reduzir o impacto ambiental do lixo doméstico.

Ações governamentais

Como os diferentes níveis de governo podem agir para frear o relógio do clima e o que cobrar dos políticos

Políticas ambientais

Criar e fortalecer legislações ambientais, integrando ações climáticas entre governos nacionais, estaduais e municipais, visando a redução de emissões e capacitar a população para a economia de baixo carbono.

Governos têm papel central na transição energética. Para isso, é preciso investir massivamente em energia solar, eólica e hídrica, reduzindo a dependência de carvão, petróleo e gás natural, além de incentivar o uso de veículos elétricos.

Investimento em energia limpa

Proteção e restauração de ecossistemas

Combater o desmatamento ilegal, monitor os biomas, inclusive no que diz respeito à proteção às áreas costeiras, que atuam como filtros naturais e barreiras contra o aumento do nível do mar.

Estabelecer políticas rigorosas para limitar a emissão de CO₂ e metano por indústrias, especialmente no setor agrícola, uma das maiores emissões de gases de efeito estufa. Aqui, o ideal é o fomento de práticas agroecológicas e de manejo que emitam menos gases e implementar mecanismos de precificação de carbono para incentivar empresas a reduzirem suas pegadas de carbono.

Regulação de empresas

Ações na iniciativa privada

O que as empresas poderiam fazer para parar o relógio do clima

Descarbonização de operações

Empresas são as maiores emissoras de gases, então a melhor alternativa parte de uma mudança nos processos, como a transição energética para substituir fontes fósseis por energia renovável como solar, eólica e biomassa. Isso se estende até uma eletrificação das suas frotas de veículos como também uma gestão de resíduos incorporando economia circular.

Cultura organizacional e finanças para o clima

Investir no financiamento verde com tecnologias de captura de carbono, apoiar projetos de reflorestamento e conservação de áreas naturais, promover educação ambiental, além de treinar colaboradores sobre práticas sustentáveis fortalecem o compromisso da iniciativa privada com o futuro do planeta.

Ações na cadeia de valor e fornecedores

A maior parte do impacto climático de uma empresa não ocorre dentro dos seus próprios muros, mas sim em etapas anteriores e posteriores à sua operação principal. Por isso, é importante priorizar fornecedores comprometidos com metas climáticas, desenvolver produtos mais duráveis e recicláveis e investir em logística reversa para o pós-consumo.

Ficou faltando alguma ação?

Já realizou ou viu alguma ação diferente das listadas? Envie pra gente. Podemos incluir essa ação aqui no e-book e continuar inspirando ainda mais pessoas e grupos a agirem em prol do clima.

contato@agirambiental.org.br

Cenários reais presentes em *Ao mar*

Vários cenários reais fazem parte do universo de *Ao mar* desde o início da jornada de Manoela. A protagonista do livro começa a sua história na Ilha dos Valadares, região que carrega uma parte importante da história de Paranaguá, no litoral paranaense. Ali, na Rua Caminho 2, de frente para o Rio Itiberê, Manoela viu as águas do mar tomarem a cidade.

Em um bote salva-vidas, ela sobe a Serra do Mar e recomeça a vida em Piraquara, cidade na região metropolitana de Curitiba, capital do Estado, que carrega a alcunha de guardião das águas.

Conheça a seguir alguns dos locais mais emblemáticos do livro e a história por trás deles.



Mapa do estado do Paraná com a localização das duas cidades que aparecem no livro

Paranaguá



Porto D. Pedro II

Inaugurado em 1935, o Porto localizado em Paranaguá é o segundo maior do país, atrás somente do Porto de Santos (SP), o maior porto graneleiro (para escoamento de produtos a granel) da América Latina e o maior exportador de produtos agrícolas do Brasil. Em 2025, o Porto bateu recordes históricos, com a exportação de mais de 70 milhões de toneladas principalmente de soja, milho, farelo de soja e açúcar. Através de um tratado firmado entre Brasil e Paraguai, o Porto também é utilizado pelo país vizinho para seu comércio exterior.

Rio Itiberê



Localizado em Paranaguá, o município mais antigo do Paraná, o Itiberê foi o ponto de fixação dos primeiros colonizadores, no século XVI. Às margens do rio desenvolveu-se o primeiro núcleo colonial do Estado que, em 1853, tornou-se província. No final do século XVII, o Itiberê foi de extrema importância para as atividades do ciclo do ouro, possibilitando que o Paraná participasse da economia de mineração. Na época, o rio atuou como polo litorâneo que servia de rota de transporte de grandes embarcações portuguesas. Com a construção do Porto Dom Pedro II, em 1935, a área portuária foi transferida para a Baía de Paranaguá.

Biblioteca Municipal Leôncio Correia



Reaberta ao público em 2022, após um período de revitalização, a Biblioteca Municipal homenageia o escritor, jornalista e político paranaense Leôncio Correia. Nascido em 1865 em Paranaguá, ele teve uma carreira de destaque no país exercendo cargos como o de diretor da Imprensa Nacional. Participou ativamente da campanha abolicionista e na implantação da República e deixou, entre os seus legados, a celebração do Dia da Bandeira. Em seus livros destaca o amor pelo Paraná e por sua cidade natal.

“

*O calmo Itiberê, onde mil travessuras
Quando criança fiz, da-me tanta saudade.
E a silenciosa paz destas noites escuras
Como me faz lembrar da declinada idade.*

Poema “Em minha terra”, de Leôncio Correia

Ilha dos Valadares



Com quase 30 mil habitantes, Valadares era, originalmente, uma região ligada ao continente por uma estreita faixa de terra (um istmo). Foi uma intervenção humana do século XVIII que a transformou em ilha, quando mineradores abriram um canal para abreviar as viagens até Paranaguá. Com o tempo, o canal foi se alargando e separando ainda mais Valadares do restante da cidade. O bairro carrega ainda histórias dolorosas ligadas ao período escravocrata, sendo um ponto de desembarque clandestino. Em 2024, foi inaugurada a primeira ponte para tráfego de automóveis entre a Ilha dos Valadares e o centro histórico de Paranaguá. Antes disso, os moradores só conseguiam acessar o continente por uma passarela de pedestres ou via balsa.

“

Desde criança acalentei o desejo de que o mar tivesse vida e falasse comigo. Passava longas tardes olhando a baía, fazendo preces ao deus de meus pais suplicando que acordasse o gigante. A falta de respostas ao longo de quase toda a minha vida me fez duvidar de sua existência. Porém, naquele momento, toda a Ilha dos Valadares se afogava em água salgada.

Trecho de Ao mar, de Ana Wolfe, página 15



Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes

Situada na Ilha dos Valadares, a Paróquia faz parte da Igreja Católica e homenageia a santa protetora dos navegantes. Construída em 1998, a igreja chama atenção por sua estrutura, que faz alusão a um barco.

Piraquara



Restaurante Obra Prima

Aberto em 2002, o Obra Prima era um restaurante de alta gastronomia franco-italiana que acabou fechando as portas em 2020, durante a pandemia de covid-19. O restaurante estava instalado em uma construção de 1923, que funcionou como comércio, como sede da Companhia Meireles-Souza e residência de um dos seus sócios, Albino José de Souza. Hoje, no local, funciona o 1923 Wine & Parrilla, restaurante especializado em cortes e assados uruguaios.

Estação Ferroviária



Inaugurada em 1885, a estação ferroviária fez parte de um projeto para ligar Curitiba ao litoral. Com a construção da estrada de ferro, a cidade de Piraquara acabou se desenvolvendo. Em 1940, a estação original foi substituída pelo atual prédio que serve de refeitório em Ao mar. Ao longo dos anos, o prédio histórico perdeu algumas de suas características originais. E, hoje, a estação é uma propriedade particular que já foi usada como pizzeria e até como casa de shows.

Biblioteca Municipal João Rodrigues de Oliveira



O antigo prédio da Biblioteca municipal é o alojamento em que Manoela passa a maior parte dos dias. Atualmente, o edifício está desativado e pouco conservado e o acervo da biblioteca foi transferido para outro local.



Chaminé do Caiguava

O monumento histórico de 30 metros surge no meio do lago da Represa de Caiguava ou Cayguava, que faz parte da Barragem de Piraquara I, entre a Serra do Mar e o Parque Estadual do Marumbi, em Piraquara. A chaminé fazia parte de uma antiga estação de bombeamento que abastecia Curitiba. Instalada em 1925, a estrutura original possuía uma chaminé de metal que foi substituída pela imponente torre de tijolos em 1935. Com a construção da Barragem, em 1979, o complexo foi desativado e alagado. Em junho de 2020, durante uma das piores secas da história do Paraná, foi possível ver toda a estrutura da chaminé.



À nossa direita, a ponta de uma chaminé de tijolinhos, que nascia do meio do mar, fez muitas pessoas se agitarem. Durante duas horas, elas repetiram como era possível termos subido a serra em um barco.

Sabia que a chaminé do Caiguava voltou a aparecer completamente?

Trechos de Ao mar, de Ana Wolfe, páginas 27 e 73

Em breve

*novas páginas e histórias relacionadas a
Ao mar para você conhecer mais por trás
do romance de estreia de Ana Wolfe*

Acesse em www.anawolfe.com.br